



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

8529 - Trabalho Completo - XV Reunião Regional da ANPED Centro-Oeste (ANPED-CO)

(2020)

ISSN: 2595-7945

GT 12 - Currículo

MODOS OUTROS DE FABULAR CURRÍCULOS EM TEMPO DE CIBERCULTURA E CIBERESPAÇO

Rosilene Lopes - UNEMAT - Universidade do Estado de Mato Grosso

Maritza Maciel Castrillon Maldonado - UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO

MODOS OUTROS DE FABULAR CURRÍCULOS EM TEMPO DE CIBERCULTURA E CIBERESPAÇO

O presente ensaio tem o intuito de apresentar parcialmente encontros, movimentos de uma pesquisa de mestrado que teve como proposta falar sobre as relações entre o contexto escolar, o currículo e as crianças que interagem no mundo virtual, tendo como o objetivo perceber como a produção de vídeo movimenta o *espaçotempo* de uma escola Estadual do município de Cáceres/MT. Procurou-se pensar e perceber, dentro do espaço escolar, como o currículo se movimenta frente a esse *espaçotempo* de cibercultura e ciberespaço, pois, neste cenário sociotécnico contemporâneo, a utilização das interfaces digitais é inevitável fora do espaço escolar, desafiando assim, as práticas pedagógicas distanciadas do tempo presente.

Problematizou-se, um currículo rizoma pensado a partir das criações das crianças da Escola Múltipla Escolha (nome fictício), articulado com a perspectiva de *atos de currículo* (MACEDO, 2012), por ser pautada em problemáticas da cultura, tendo em conta que essas crianças nasceram neste *espaçotempo* de cibercultura e por meio de escapes, criam linhas de fuga, resistem e estão a produzir, a criar currículos.

A intensão foi problematizar currículos clichês, lineares, com o intuito de alcançar crianças que estão inseridas neste *espaçotempo* de cibercultura e ciberespaço, *espaçotempo* de incertezas, indeterminações, no qual se torna necessário repensar como o mundo contemporâneo deva ser apresentado para nova geração a partir de rizomas/redes/teias com sentidos diversos e possibilidades outras, para além de um currículo arbóreo.

Com a imagem da árvore, ficamos na compartimentalização: os galhos vão se ramificando e se especializando cada vez mais, perdendo contato, pois cada ramo autonomiza-se em relação aos demais, embora permaneçam todos parte da mesma árvore. Mas a comunicação entre os ramos de uma árvore fica dificultada, assim como fica dificultada e, quem sabe, impossibilitada, a comunicação entre as disciplinas num currículo escolar. Impossível não lembrar aqui também a imagem de uma gaveta: as disciplinas convertem-se em gavetas de um arquivo, compartimentos

estanques, sem comunicação entre si. (GALLO, 2011, p. 44-45).

O currículo produzido pela imagem arbórea é um currículo utópico, conservador, que possui pontos de partida e chegada delineados, sem desvios, sem linhas de fuga, o que pode impedir, muitas vezes, a fluidez do pensar, o movimento da comunicação. Precisamos escapar da imposição de um pensamento enrijecido, para, quiçá, pensarmos em currículos moleculares, em currículos rebeldes, em currículos por linhas de fuga, por escapes. Em currículo rizoma!

Com o rizoma, as coisas se passam de maneira distinta. Sua imagem remete para uma miríade de linhas que se engalfinham, como num novelo de lã emaranhado pela brincadeira do gato. Ou talvez essa não seja a melhor imagem; um rizoma é promiscuidade, é mistura, mestiçagem, é mixagem de reinos, produção de singularidades sem implicar o apelo à identidade. (GALLO, 2011, p. 45).

O currículo rizoma não fica preso à estrutura, à ordem, pois possui uma mobilidade, um movimento; perpassa traçados, desdobramentos; é atravessado por multiplicidades das experiências, dos saberes, das ideias, da criação, ou seja, currículo rizoma é criado e pensado no e com o cotidiano.

Os currículos *pensadospraticados* nos cotidianos fazem com que as “formas de tecer conhecimentos” com diversos modos de agir mantenham diálogos “permanentemente uma com as outras”, o que resulta em diferentes resultados, e os resultados são apenas provisórios (OLIVEIRA, 2012, p.90). Currículos criados a partir do cotidiano são currículos vívidos, cuja produção se movimenta em linhas de fuga, linhas pulsantes que emergem de acontecimentos e que possibilitam modos outros de habitar o espaço escolar e praticar currículos.

Essa possibilidade advinda de currículos *pensadospraticados* efetua-se nos movimentos de experimentações que não estão instituídos como conteúdos a compor o projeto curricular, mas sim, no modo sentido e vivido pelos *praticantespensantes* dentro do *espaçotempo* escolar. A pesquisa – por meio da questão: *você produz ou já produziu vídeos aqui na escola?* – procurou pensar como o processo de produção de vídeos por crianças movimenta o currículo da Escola Múltipla Escolha. De acordo com as crianças:

Mary Jane: Não, nunca, mas gostaria.

Tintin: Nunca gravei, mas gostaria.

Yaaba: Sim, já gravei vídeos com minhas amigas. Falei sobre brincadeiras de amarelinha, de jogar UNO, jogando bolinhas de gude e outros aí.

Phoebe: Não, mas gostaria.

Lebrac: Não, mas eu queria gravar.

Gibusinho: Sim, um só, com meus amigos, falando sobre jogos a que assistimos, e outro a gente jogando bolitas.

Isabelle: Não, mas queria.

Alice: Já gravei diversos vídeos na escola, sobre minhas coisas e sobre as brincadeiras que brincamos aqui.

Asteca: Não, mas gostaria, sim.

Zahra: Ainda não, mas quero.

Nas narrativas das crianças, observa-se que há, um movimento no currículo por meio de produções de vídeos que me leva a dizer que são crianças curriculantes, pois, de acordo com Macedo (2012, p.428), “todos envolvidos com as questões curriculares, são atores curriculantes”. Portanto, essas crianças são atores sociais de seus contextos socioculturais, onde criam sentidos no *espaçotempo* escolar e constituem suas próprias subjetividades; então, são curriculantes, “até porque são criadores de sentido e não apenas portadores de sentido via seus processos aprendentes” (MACEDO, 2012, p.428)

O movimento no currículo é explicitado novamente por meio de um diálogo com essas crianças durante o recreio. Em um dado momento, Alice conta que as produções de vídeo não acontecem somente no momento do recreio: “*Um dia, saí da sala pra atender a ligação de minha mãe, e daí minhas amigas estavam dentro do banheiro [risos], daí eu peguei e falei: “vamos gravar um vídeo aqui para postar?” Daí, a gente gravou sobre o nosso final de semana [risos]. Foi muito divertido*”. Alice, em sua fala, me dá abertura para dizer que as crianças que criam narrativas, interpretam, interagem, estabelecem, manifestam no *espaçotempo* escolar, criam sentidos e significados culturais. Portanto, são sujeitos participantes e criadores de currículos, ou seja, são atores/autores curriculantes (MACEDO, 2018).

Na narrativa de Alice, percebe-se que as crianças, dentro do *espaçotempo* escolar, criam linhas de fuga, de rupturas, de escapes no tempo, no espaço, para produzir suas narrativas, ou seja, fazem jorrar linhas de fuga que se dobram sobre o *espaçotempo* escolar, permitindo que potências sejam expostas e movimentem o currículo.

De acordo com Deleuze e Parnet (1998, p.49), as linhas de fuga são

uma *desterritorialização* [...] Fugir não é renunciar às ações, nada mais ativo que uma fuga. É o contrário do imaginário. É também fazer fugir, não necessariamente os outros, mas fazer alguma coisa fugir, fazer um sistema vazar como se fura um cano. [...] Fugir é traçar uma linha, linhas, toda uma cartografia. Só se descobre mundos através de uma longa fuga quebrada.

Desse modo, fugir é descobrir mundos e faz parte do ato criativo, rompe com o preestabelecido, possibilita o encontro do novo, do imprevisível, do inexistente, das incertezas, pelo fato de ser uma linha não linear, não rígida. É possível dizer, então, que as crianças que produzem linhas de fuga da Escola Múltipla Escolha estão a criar currículos por linhas de fuga, por escapes.

Correspondente ao escape, à ruptura dos estratos, as linhas de fuga rompem, desterritorializam, desestratificam as séries segmentares. Criar linhas de fuga é uma maneira de libertar-se das amarras, das certezas, do já pensado e instituído. É nesse sentido que Deleuze e Parnet (1998) enfatizam: “uma fuga é uma espécie de delírio. Delirar é exatamente sair dos eixos (como ‘pirar’ etc.) [...] Traem-se as potências fixas que querem nos reter, as potências estabelecidas da terra” (p.53-54). Não fugir é querer viver na mesmice.

E por que não pensar em criar currículos com as crianças? E se pensarmos na possibilidade de fabular currículos com as crianças como uma forma de abrir-se a um devir-criação? Segundo Deleuze (1997, p.73), “a criança não para de dizer o que faz ou tenta fazer: explorar os meios, por trajetos dinâmicos, e traçar o mapa correspondente”.

A criança aponta-nos caminhos, linhas de fuga que podemos traçar em nossas práticas cotidianas em sala de aula, assim como traçam cartografias, desafiando-nos a sair da mesmice, da tranquilidade de apenas seguir modelos, de pensar o já pensado. Posso dizer que o uso de narrativas produzidas por crianças pode ser traduzido enquanto fabulação potente

para criar currículos outros, produzir conhecimentos outros, ou seja, a utilização de audiovisuais pode ser uma maneira potente para desafiar a tessitura de sentidos outros em currículos. Utilizar as produções audiovisuais como movimento ao currículo é capturar *saberes-fazer* das crianças, é aventurar, é ousar, é arriscar, é partir para as incertezas, é reinventar, é criar currículos outros.

Pensar em crianças curriculeiras, rompem com a versão hegemônica de que currículos são criados, elaborados por professores e gestores especializados, pois demonstram “autonomia curriculante” (MACEDO, 2012), produzindo saberes e criando currículos. Como “atores sociais, *indexalizados e implicados* a seus contextos socioculturais, podem *alterar* as cenas curriculares e serem coautores dos seus processos de aprendizagem (formação) pelos seus *atos de currículo*” (MACEDO, 2012, p.428).

Arrisco pensar na produção de currículos com as crianças, com o intuito de abrir possibilidades, em quebrar conceitos que caracterizam a criança como ser incapaz de produzir saberes e de romper com o pensamento de um currículo arbóreo, de um currículo ideal que padroniza e iguala tudo e todos, pois as crianças, dentro do *espaçotempo* escolar, estão a fabular currículos.

Portanto, para finalizar (não concluir) esta escrita, posso dizer que as crianças contemporâneas sempre escapam das fronteiras preestabelecidas, do que é comum e do que é fixo; criam linhas de fuga, procuram desestabilizar o que é petrificante. As crianças deste *espaçotempo* de cibercultura e ciberespaço, com sua maneira de pensar, de ser, atuar, de ver o mundo, de estar no mundo, muitas vezes não são reconhecidas como possuidoras ou construtoras de saberes válidos; a maneira como vivenciam suas experiências, com significados outros, com comportamentos fluidos, com interesses que diferem do que pensamos ser adequados e certos, é minimizada. Porém, o que presenciei nesta pesquisa é que as crianças da Escola Múltipla Escolha produzem currículos em ato, trazendo para dentro da escola o que vivenciam na cultura contemporânea, uma vez que trazem e fazem a escola. Mas o currículo escolar praticado pelos professores desse *espaçotempo* não se movimenta de acordo com essa realidade; eles não conseguem lidar com essa realidade, o que contribui para que o currículo permaneça o mesmo.

Palavras chaves: *Espaçotempo* escolar. Rizomas. Currículos. Produção de vídeos.

REFERÊNCIAS:

DELEUZE, Gilles. **Crítica e clínica**. São Paulo: Editora 34, 1997.

DELEUZE, G.; PARNET, C. **Diálogos**. Tradução de E. A. Ribeiro. São Paulo: Editora Escuta, 1998.

MACEDO, Roberto Sidnei. **Atos de currículo e Formação: O príncipe provocado**. In CURRÍCULOS: Problematização em práticas e políticas. Revista Teias v. 13 • n. 27 • 67-74 • jan./abr. 2012

MACEDO, Roberto Sidnei. Revista e-Curriculum e-ISSN: 1809-3876 Programa de Pós-graduação Educação: Currículo – PUC/SP. São Paulo, v.16, n.1, p. 190 – 212 jan./mar.2018.

GALLO, Silvio. **A orquídea e a Vespa: Transversalidade e currículo rizomático**. In PEREIRA, Maria Zuleide da Costa; GONSALVES, Elisa Pereira; CARVALHO, Maria Eulina Pessoa. Currículo e contemporaneidade: questões emergentes. Campinas, SP. Editora, Alínea, 2011.

OLIVEIRA, Inês Barbosa. **O Currículo como criação cotidiana**. Petrópolis: DP et Alli, 2012^a